

UM OLHAR SOBRE O CORPO (DO) CEGO¹

Janice Guimarães Carvalho

Mestre em Educação Física

Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

Jorge Manuel Gomes A. Fernandes

Doutor em Educação Física

Universidade de Évora – Portugal

RESUMO

O presente trabalho expõe algumas reflexões acerca do corpo (do) cego, enfatizando a idéia de que este corpo vê e é visto. Ver é uma experiência que vai além do sentido da visão. Experiência inscrita no corpo e, originalmente familiarizada com o contexto em que se compreende/insere. O deficiente visual, nesta ótica, também vê, mas de uma maneira particular, diferente, como qualquer outro ser humano, seja cego ou vidente. Essas diferentes percepções, de tatear, de articular a voz, de ouvir, de se locomover no espaço estão unidas no corpo (do) cego, no seu mundo – seu lebenswelt.

ABSTRACT

The present work displays some reflections about the body (of the) blind, emphasizing the idea with this body sees and it's seen. See is an experience that goes beyond the vision direction. Experience enrolled in the body and, originally made familiar with the context where if it understands/inserts. The visual deficient, in this optics, also sees, but in a particular way, different, as any another human being, either blind or seer. These different perceptions, to touch, to articulate the voice, to hear, to moving in the space are joined in the body (of the) blind, in his world – yours lebenswelt.

RESUMEN

El presente trabajo muestra algunas reflexiones acerca del cuerpo (del) ciego, acentuando la idea de que ese cuerpo ve, y se ve. Ver es una experiencia que va más allá de la dirección de la visión. Experiencia alistada en el cuerpo y, originalmente hecho familiar en el contexto en que si entiende/inserta. El deficiente visual en esta óptica, también ve, pero de una manera particular, diferente, como cualquiera otro ente humano, ciego o vidente. Estas diversas percepciones, de palpar, articular la voz, de oír, de moverse en el espacio se ensamblan en el cuerpo (del) ciego, en su mundo - su lebenswelt.

DIFERENÇA E DEFICIÊNCIA

Diferenças estão sempre presentes em nossas vidas. Visualizadas nos corpos, nas atitudes, nas palavras, nos movimentos, nas pessoas. O corpo é aquilo de mais imediato, próximo, característico de nossa existência (Vigarello, 2000), pois, é por ele que nos desvelamos.

¹ Este trabalho é parte da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Portugal, defendida em 12/03/07. Orientador: Prof. Doutor Jorge Manuel Gomes A. Fernandes

Portanto, refletir sobre o corpo é refletir sobre o ser humano, e conhecer as diferenças próprias de sua individualidade. Afinal, é na diferença que nos encontramos, pois ser corpo é *ser eu*. O corpo é essência que traduz a subjetividade do ser humano tornando-o único em suas diferenças, e, existência que evidencia sua presença visível e inteligível no mundo.

Oliveira (2002, p. 23) descreve, em seu texto, as idéias de Sócrates e Aristóteles a respeito do que representa a essência do ser humano, como expressão daquilo que o ser é por necessidade, não podendo por isso deixar de sê-lo:

A essência, ensina Sócrates, responde à pergunta “*o quê*”. É o que Aristóteles descreve como *to ti em einai* e os medievais entendem por *quidditas*: “*aquilo que o ser era*”. É o que permanece com a mudança, permitindo que os seres continuem a existir, a despeito das eventuais diferenciações que a própria existência lhes impõe.

O mesmo autor ressalta que, se uma pessoa é privada de um órgão, ou debilitada no funcionamento do seu corpo, ela recebe o estigma da alteridade, e, embora, esta diferença não altere a sua essência como ser humano, passa a ser rotulada como aquele que difere essencialmente de uma certa realidade. Segundo Mandarino (2005), a diferença deve ser vista na sociedade atual como a questão da identidade das alteridades que todas as pessoas possuem, suas particularidades. Contudo, são vistas como alteridades deficientes relativas, quase sempre, à pessoas que reforçam a sua posição de normalidade.

Sobre este aspecto Bertazzo (2004) e Simões e Lopes (2004), relacionam também a necessidade de refletir sobre o corpo em especial no imaginário social, na medida em que uma atitude, ação, patologia, ou deficiência ocorre no corpo, o qual realça, revela, identifica e garante a existência do ser humano. Para estes autores, o corpo na sociedade atual “é visto na forma que se apresenta aos nossos olhos, e não em sua função dinâmica, no ato de caminhar, de sentar, de apanhar um objeto, que são os modos como cada pessoa se expressa corporalmente” (Bertazzo, 2004, p. 30). Nesse sentido, o ser/estar no mundo é muitas vezes entendido como resultado de uma forma padrão, incapaz de abarcar as inúmeras possibilidades individuais de se perceber e relacionar com/no mundo. Esta forma padrão cria lógicas binárias para os corpos, tais como, hábil/inábil, normal/anormal, eficiente/deficiente, e provém de um princípio de normalidade social, econômica, histórica e cultural. Conforme Mandarino (2005), estas oposições binárias supõem que o primeiro termo deste dualismo define a norma, e, o segundo, só existe a partir de seu domínio. Completando este pensamento, Certeza (2005) ressalta que o conceito de normalidade que organiza a sociedade moderna é utilizado a partir de setores sociais dominantes que desempenham, operam, detêm e reproduzem continuamente a “normalidade”. Consequentemente, toda situação que é desqualificada como “anormalidade” limita a realização de todas as potencialidades humanas daqueles que se desviam do padrão constituído pela norma.

Para Porto (2002), a complexidade do ser humano ser revela na sua condição de ser/estar-no-mundo, ao mesmo tempo, biológica e social. Desse modo, podemos relacionar que as estruturas cerebrais responsáveis pelos sentidos da visão, audição, tato, são totalmente biológicas, e, simultaneamente culturais, pois possibilitam ao corpo se movimentar na sua mais misteriosa e singular forma de ser e de viver. A este respeito Sacks (1995, p. 35) se posiciona ressaltando a percepção de Homero ao referir-se ao “mar tinto como o vinho...

Tratava-se apenas de uma convenção poética, ou Homero e os gregos na realidade viam o mar de uma maneira diferente?”.

Na perspectiva de Masini (2003), o ponto de partida para compreender as diferentes possibilidades da existência humana, é estar atento às formas próprias de cada pessoa, o que inclui a pessoa deficiente, explorar e perceber o mundo que a cerca. Segundo Matos (2000, p. 215), não podemos esquecer que a contemporaneidade traduz “um mundo múltiplo, onde as nações são compostas de diferentes culturas e etnias, constituindo culturas híbridas²”. Desse modo, a cultura contemporânea precisa ser capaz de coexistir com o híbrido, com o diferente, pois, destas múltiplas culturas emergem múltiplos significados e olhares sobre o corpo.

Lançar um olhar sobre o corpo do cego tem um sentido paradoxal. Enxergar o que normalmente não é visto, embora o sentido visual do vidente permaneça intacto, conduz-nos a aprender a ver com outros olhos. Modificar olhares e construir uma outra percepção de mundo, baseada não mais unicamente no sentido da visão, mas no corpo. Descobrir outras formas de olhar, ampliar sentidos, ampliar a visão. Será deste modo que o cego vê? Será o seu corpo instrumento, ferramenta de percepção do mundo? Será esta forma de percepção deficiente? Ou o corpo deficiente é apenas uma das condições possíveis de ser/estar no mundo, mesmo quando representa formas diferentes de viver e de sobreviver das adotadas como convencionais? Nas palavras de Porto (2002, p. 30), “sou corpo, sou instrumento e pelas minhas ações me expesso como ser-no-mundo.... Ser corpo deficiente é ser corpo como outro ser qualquer.”

Oliveira (2002, p. 25), ao descrever a etimologia das palavras eficiente e deficiente, a partir dos escritos de Santo Isidoro de Sevilha, nos primeiros séculos da Idade média, reforça a relação entre deficiência, falta e incapacidade:

Efficax (eficaz) diz-se daquele que não tem dificuldade alguma na realização de algo. Deriva de *facere* (fazer), assim como *efficiens* (eficiente)...designa o que realiza, que leva a termo uma tarefa... No verbo latino *deficere* encontramos o ancestral etimológico da palavra “deficiente”. É interessante observar que, além da aceção mais diretamente contraposta à anterior (“faltar”, “carecer”), *deficere* também significa “afastar-se”... desintegrar-se e assim por diante.

Ampliando este pensamento, Matos (2000, p.223) descreve que a sociedade vê no deficiente "um corpo grotesco que provoca no outro uma percepção sinestésica, que traz a concepção da falta (seja em relação a aspectos cognitivos, psicomotores, afetivos, lingüísticos, sociais ou culturais)". Esta falta constrói o que Mafessoli denominou, em palestra realizada na Universidade Federal da Bahia – UFBA no ano de 1998, de cenestesia social³. Nesse sentido, a deficiência nos lembra a nossa própria incapacidade ou limitações para atingirmos o ideal, nosso apelo à transcendência, desproporção entre “o que se é e o que se quer ser” (Sérgio, 2003, p. 35). Nas palavras de Bortoleto (2004, p.141), o corpo deficiente “deixa de ser, não tem razão de ser, pois o que o funda é fundamentalmente a

² Matos (2000) relaciona em seu texto a definição de Hall (1997) do termo hibridação - constitui-se em processos interculturais que permitem a recombinação de formas existentes em novas culturais.

³ Segundo o Dicionário Aurélio, cenestesia social é um sentimento difuso resultante de um conjunto de sensações internas ou orgânicas que caracterizam um mal-estar ou um bem-estar.

diferença, a alteridade, mesmo estando/sendo sempre em *falta-a-ser*, esta sim, *deficiência* de todos os corpos de cada dia, em todas as culturas”.

Outros autores, como Franco e Dias (2005), Américo (2002) e Sacks (1995), ressaltam a marca pejorativa que acompanha a cegueira ao longo da cultura ocidental, onde prevalece a tendência a enfatizar o caráter debilitador da cegueira, tratando-se o homem que não vê como se ele fosse incapaz de pensar e agir com lucidez. No sentido goffmaniano, um estigma, marca, tem caráter depreciativo e faz com que uma pessoa se torne diferente e desacreditada. A origem do termo estigma, segundo Américo (2002), denota a Grécia Antiga do século XII, e referia-se aos sinais visuais que distinguiam um indivíduo de outro, seja de maneira positiva ou negativa. A referida autora menciona Goffman que faz alusão à uma linha de pensamento que priorizava as capacidades do sujeito, e nelas acreditava ou não, tomando por base o exterior, a impressão social do sujeito a partir de seu estereótipo e de seu atributo. Esta visão levava/leva o indivíduo deficiente a assumir socialmente o estigma de incapaz, distanciando-o de suas outras possibilidades.

Contudo, a história foi também marcada por momentos em que o deficiente visual, passou a ser visto como um indivíduo portador de uma dádiva divina, um homem capaz de ver sem o sentido da visão:

É curioso que o rei Tamuld, que confere o status de morte a todos os deficientes, leprosos e sem infância, usa a seguinte expressão em referência à deficiência visual: "um homem com abundância de luz" (Américo, 2002, p. 5).

Greg... queixou-se de que sua visão estava ficando ofuscada, mas isso foi interpretado, pelo swami e pelos outros, de uma maneira espiritual: ele era "um iluminado", disseram-lhe; tratava-se do avanço da luz interior (Sacks, 1995, p. 60).

De qualquer modo, ressaltamos que a história, na maior parte, reforçou o estigma da alteridade sobre os cegos, deixando de percebê-lo como uma forma diferente de ser/estar-no-mundo. Uma maneira que é ao mesmo tempo vidente e visível na sua essência e existência, pois o corpo cego vê e é visto.

CORPO CEGO

“Agora que toquei posso vê-lo”(Sacks, 1995).

O corpo cego vê. O corpo cego é visto. Ver é uma experiência que vai além do sentido da visão. É perceber/sentir/conhecer/tocar/relacionar/experimentar. Experiência que está inscrita no corpo, presença do ser humano no mundo, e, está originalmente familiarizado com o contexto em que se compreende/insere. Partindo do princípio de que, pelo corpo nos colocamos no mundo, é este corpo que possibilita ver, tocar, perceber. O deficiente visual, nesse sentido, também vê, mas vê de uma maneira particular, diferente, única, como qualquer outro ser humano. Afinal, a percepção de mundo se dá a partir de cada indivíduo, seja ele cego ou vidente.

A este respeito Ponty (1989, p. 51) relaciona que, “meu corpo é ao mesmo tempo vidente e visível. Ele que olha todas as coisas, também pode olhar a si... Ele se vê vidente, toca-se

tateante, é visível e sensível por si mesmo”. Portanto, perceber e relacionar-se com o mundo não se resume apenas a sinais diretos vindos de estímulos específicos, como na perspectiva cartesiana, em que sobrevive o entendimento de que tato e visão são sentidos independentes, incapazes de construir juntos no/pelo corpo a percepção de mundo. Em Descartes vemos o pensamento instaurado como única possibilidade de perceber o mundo seja pela visão ou pelo tato. Já em Ponty, a compreensão da percepção considera o sujeito desta percepção e sua experiência perceptiva. Para Masini (2003, s.p), quando Merleau-Ponty “toma a percepção como solo originário do conhecimento - percepção que se dá no corpo, nas relações de significação com o que se dá ao seu derredor - aponta um caminho para se saber da pessoa com deficiência”.

Nessa perspectiva, Porto (2002, p. 40) relaciona que, “o deficiente da visão, embora não veja com os olhos, é um ser humano vidente e visível, cujo corpo, na sua relação com o mundo, na sua totalidade, o faz ver e sentir sua essência e existência nesse mundo”. A mesma autora ressalta a expressão utilizada por Paul Ricover, *Lebenswelt*, que apresenta o mundo como aquele que é único, próprio, o horizonte mais concreto da existência do ser humano a partir da sua percepção, e das atitudes e comportamentos que esta desencadeia. Ponty (1999, p. 323) assim descreve este mundo vivido – *Lebenswelt*:

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de um experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada... O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo, eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável. *Há um mundo*, ou antes, *há o mundo*.

Continuando a considerar o entrelaçamento e a interdependência entre o visível e o tangível que perpassa a existência humana, Ponty (1989) e Porto (2002) nos lembram que as coisas visíveis, ao ser tocadas, permitem que a exploração e o conhecimento sejam transportados para além do visível. Afinal, as coisas são vistas e tocadas, inicialmente, apenas pelos movimentos do olhar que pode ser descrito como uma espécie de toque com os olhos, e, além disso, quase tudo que é visível pode ser tocado e tudo que é tocado é visto. Para Ponty (1989, p. 50), “a visão pende do movimento, só se vê aquilo que se olha... Tudo o que vejo, por princípio, está ao meu alcance, pelo menos ao alcance do meu olhar... [O movimento] é a seqüência natural e o amadurecimento de uma visão”. Contudo, o autor ressalta que, na maioria das vezes, o vidente não toma posse daquilo que vê, somente se aproxima dele pelo olhar, pois, ver é sinônimo de ter a distância. Em contrapartida o tato, segundo o fotógrafo cego Evger Bavcar, é o olhar aproximado que permite ao cego conhecer o mundo que o rodeia, aquele que não provoca ainda a separação inelutável entre o sujeito e o objeto do conhecimento,. Para ele, a deficiência visual não permite o olhar físico, distanciado, mas apenas o toque a que denomina de olhar aproximado (Porto, 2002).

De todo modo, é importante ressaltar que “os sentidos se comunicam” (Ponty, 1999, p. 303), porém, no vidente, esta inter-relação entre a visão e o tato, descreve duas ações diferenciadas, mesmo que simultâneas. A visão é um sentido globalizador, que possibilita um registro simultâneo e imediato do mundo exterior no que se refere à posição, distância, forma, tamanho, cor. É ela quem integra e, de certa maneira, coordena os outros sentidos na obtenção de informações sobre o meio e sobre si mesmo. O caráter mediador do sentido da visão é entendido por Rodrigues (2002) como aquele que relaciona todas as impressões sensoriais entre a pessoa e o ambiente, pois “em geral, dirigimos o olhar à fonte sonora e

olhamos, quando tocamos um objeto” (p. 10). No entanto, o deficiente visual não é capaz de perceber o visível e o tangível como duas ações diferenciadas. Para o cego, visão/tato compreendem a mesma ação na percepção de mundo. Enquanto o vidente percebe as imagens do mundo/o mundo de imagens a partir do sentido da visão, o cego precisa encontrar mecanismos diferentes de percebê-lo. E, é nesta descoberta que o corpo cego cria sua identidade, sua maneira de ver, de olhar. Conforme Sacks (1995, p.155):

Se dá uma profunda adaptação, ou reorientação, pela qual o cego reconstitui esse (re)apropriar do mundo em termos não visuais. Ela se torna então um estado *diferente*, uma forma diferente de ser, com suas próprias sensibilidades, coerência e sentimentos.

Como decorrência dessas reflexões, autores como Sacks (1995), Porto (2002), e Rodrigues (2002), relacionam a importância de se entender sob quais parâmetros este ser humano que vê o mundo não com os olhos, mas pelos sons, pelo tato, pelo olfato, pelo paladar, enfim pelo corpo, é denominado cego. Nesse sentido, revendo Ponty (1999) que denominou de hábito a capacidade que o homem possui de ampliar seu modo de ser-no-mundo anexando a si mesmo novos instrumentos de percepção, a bengala do cego deixa de ser para ele um objeto e se transforma pela (re)criação em zona sensível, um análogo ao olhar.

Outro aspecto relevante relaciona-se à percepção de mundo a partir dos sentidos remanescentes no deficiente visual, afinal, “para um cego, é todo o corpo que de algum modo se torna órgão da vista, qualquer parte do corpo pode olhar um objeto que lhe seja exterior” (Porto, 2002, p. 72). Segundo Sacks (1995), existe um vocabulário, e, mesmo uma imagem de mundo específico do cego, expressos/construídos em termos táteis, ou pelo menos, não visuais. O mesmo autor ressalta que, cegos que lêem em Braille possuem uma representação grande do dedo leitor nas “partes táteis” do córtex cerebral. Sendo possível que, tanto as partes táteis como as auditivas do córtex cerebral nos cegos sejam alargadas podendo se expandir para a região do córtex visual, que, sem o estímulo visual, pode ficar em grande parte sem se desenvolver. Compartilhando do mesmo pensamento, Rodrigues (2002) reforça a ideia da necessidade de utilização dos sentidos remanescentes no deficiente visual, aspecto que, embora contribua para seu maior aperfeiçoamento, não determina a sua substituição, afinal, “nenhum sentido pode substituir ou compensar, adequadamente, qualquer outro. Os sentidos foram feitos para funcionarem, sinergicamente, mesclando-se duas ou mais modalidades” (p. 12).

O sentido tátil-cinestésico limita-se a uma percepção analítica de objetos que possam ser agarrados com as mãos, explorando sua forma, tamanho, textura e outras qualidades. Porém, objetos maiores somente permitem percepções isoladas, pondo em dúvida que o cego forme uma *gestalt* verdadeira desses objetos, uma percepção globalizada dos mesmos. Conforme Ponty (1999), o tato não tem a amplitude do campo visual, e, portanto, nunca o objeto tátil está presente por inteiro em cada uma de suas partes, como ocorre com o objeto visual. Nesse sentido, “tocar não é ver” (Ponty, 1999, p. 302). O tato, também, não pode suprir a noção de movimento, ou de cor. Segundo o mesmo autor, como descrever para o deficiente visual, no movimento do galho que um pássaro acaba de abandonar, a sua natureza flexível perceptível ao sentido da visão. Porto (2002) considera que, não ver as cores de um objeto é não ter acesso a uma propriedade do objeto em si, o que não significa que o cego não possa estabelecer relações e sentir essa qualidade através da associação a determinadas coisas, por exemplo, a temperatura, estados emocionais, ou formas.

Conforme Rodrigues (2002), basicamente é a audição que garante ao cego a noção de distância, localização e direção dos objetos, porém, este sentido não pode fornecer qualquer idéia concreta dos mesmos, suas qualidades e disposições, e, ao mesmo tempo, depende também da posição e distância da fonte sonora. De todo modo, as informações fornecidas pela audição são momentâneas, e não formam um todo significativo, não podendo ser percebidas uma segunda vez: “é muito difícil a obtenção de informações através da audição do que olhando, olhando e olhando” (Rodrigues, 2002, p. 12). Ainda é importante acrescentar que, mesmo que as habilidades auditivas sejam desenvolvidas com intensidade, o cego não é capaz de estabelecer relação entre imagem e som. Conforme Ponty (1999), no ruído de um automóvel, por exemplo, que transita sobre uma superfície, ouvimos também a dureza ou a desigualdade desta, que nos oferece, para além dos sons, imagens que se comunicam com os outros sentidos.

Deste modo, podemos relacionar que, por mais preciso que seja o sentido do tato, olfato, ou audição, nenhum deles jamais poderá desempenhar a função dos olhos. O desenvolvimento mais apurado ou preciso de um sentido, embora possa ser devido ao uso mais intensificado deste, é também uma resposta individual da natureza humana às necessidades de cada corpo na sua relação com o mundo, pois, a percepção do mundo é individual, modificando-se de vidente para vidente, cego para vidente, e, mesmo, de cego para cego. A experiência visual acontece na medida em que os diferentes sentidos, cada qual com sua essência particular, se comunicam dando ao mundo percebido um significado.

Segundo Sacks (1995) ver é uma experiência. O mundo não nos é dado, e, sim, construímos nosso mundo através da experiência, classificação, memória e reconhecimento incessantes. A capacidade de ver e interpretar as imagens visuais depende, fundamentalmente, da função cerebral de receber, codificar, selecionar, armazenar e associar essas imagens a outras experiências anteriores. A percepção seja visual ou tátil, se apóia constantemente no entendimento do que se vê/percebe. Nesse sentido, não se vê, não se toca, não se percebe, isoladamente, a percepção está sempre ligada ao comportamento e à experiência, à busca e à exploração de seu próprio mundo - *lebenswelt*. Para este autor “ver não é suficiente; é preciso olhar também” (Sacks, 1995, p. 149). O ato de olhar não está restrito apenas aos olhos, e, sim, inclui o corpo inteiro, sua interioridade e intencionalidade. Olhar envolve apropriação do mundo. Olhar envolve um “comportamento visual” (p. 153).

A este respeito, no século XVII, o cientista irlandês William Molyneux escreveu ao filósofo John Locke, levantando um problema teórico acerca de um cego de nascimento que recupera a visão na vida adulta. A este cego se ensina a distinguir, pelo tato, um cubo e um globo (de mesmo material, peso, textura), ao recobrar a visão, se colocados sobre uma mesa estes materiais, pode este indivíduo discerni-los sem tocá-los? (Sacks, 1995; Moraes, 2006). Este problema reflete qual o lugar e o papel da experiência no exercício do conhecimento. Como se processa a experiência visual, e qual o papel dado ao corpo na construção da percepção sem a visão.

O pensamento ocidental apoia-se no conhecimento de mundo a partir da visão, no ocidente o conhecer e o ver estão diretamente relacionados. Quando ressaltamos que a construção do conhecimento se dá no corpo todo e não apenas no sentido da visão, tomamos como ponto de partida para a experiência visual, o corpo. Forma singular de ser-no-mundo, aquele que permite a construção do conhecimento e a percepção de mundo a

partir de si mesmo, de suas experiências, e, desse modo, elabora a percepção que o cego tem de si, do outro, do mundo – seu *lebenswelt*. Segundo Masini (2003), a reflexão sobre a experiência perceptiva emerge dos significados da pessoa no mundo. Essas diferentes percepções, de tatear, de articular a voz, de ouvir, de se locomover no espaço estão unidas no seu corpo, no mundo.

REFERÊNCIAS

Americo, S M. **Memória auditiva e desempenho em escrita de deficientes visuais**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas-SP, Brasil, 2002.

Bavcar, E. **Programa Leila Entrevista**. Brasil: STV Brasil, outubro 2005.

Bertazzo, I. **Espaço e corpo: guia de reeducação do movimento**. São Paulo: SESC, 2004.

Bortoleto, E J. Diálogo com a filosofia. In R Gaio e R Meneghetti (orgs.), **Caminhos pedagógicos da educação especial** (pp. 121-141). Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Certeza, L M. Relação entre deficiência e pobreza no mundo. **Rede saci**. [on line]. São Paulo. Disponível na Word Wide Web: <<http://www.saci.org.br/>>. Acesso em Fevereiro de 2006.

Franco, J R e Dias, T R. A pessoa cega no processo histórico: um breve percurso. **Rede saci**. [on line]. São Paulo. Disponível na Word Wide Web: <<http://www.saci.org.br/>>. Acesso em Fevereiro de 2006.

Gaio, R. Diálogo com a história. In R Gaio e R Meneghetti (orgs.), **Caminhos pedagógicos da educação especial** (pp. 142-176). Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Mandarino, C M. Normalidade e diferença: notas, apontamentos e reflexões de uma unidade de ensino. [CD-Rom]. In Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 14, Porto Alegre/RS. **Anais...** São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2005.

Masini, E F S. A experiência perceptiva é o solo do conhecimento de pessoas com e sem deficiências sensoriais. **Psicol. estud.** [online]. vol. 8, n 1. Disponível na World Wide Web: <<http://www.scielo.br/scielo>>. ISSN 1413-7372. acesso em 11 abril 2006.

Matos, L H. Múltiplos corpos dançantes: diferença e deficiência. In A Bião (org.), **Imaginário e Teatralidade: temas em contemporaneidade** (pp 213-227) São Paulo: Annablume: Salvador: GITPE-CIT, 2000.

Moraes, M. Sobre o corpo como suporte da percepção entre jovens deficientes visuais. **Rede saci**. [on line]. São Paulo. Disponível na Word Wide Web: <http://www.saci.org.br/>. Acesso em Fevereiro de 2006.

Oliveira, J V. Eficiência e alteridade. **Revista Benjamin Constant**. Rio de Janeiro, ano 8, n. 21, 23-26, abril 2002.

Ponty, M M. O Olho e o Espírito. In M S Chauí, P S Moraes (orgs.), **Os pensadores – Textos Selecionados** (pp 47-71). São Paulo: Nova Cultural, 1989.

Ponty, M M. **Fenomenologia da percepção**. [Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. 2 ed. São Paulo : Martins Fontes, 1999.

Porto, E, T. **A corporeidade do cego: novos olhares**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas-SP, Brasil, 2002.

Rodrigues, M R. Estimulação precoce: a contribuição da psicomotricidade na intervenção fisioterápica como prevenção de atrasos motores na criança cega congênita nos dois primeiros anos de vida. **Revista Benjamin Constant**. Rio de Janeiro, ano 8, n. 21, 6-22, abril 2002.

Sacks, O. **Um antropólogo em Marte: 7 histórias paradoxais**. Tradução de Bernardo Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Sergio, M. **Alguns olhares sobre o corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

Simões, R, Lopes, L. Diálogo com a saúde. In R Gaio e R Meneghetti (orgs.), **Caminhos pedagógicos da educação especial** (pp. 203-223). Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Vigarello, G. **O Corpo Inscrito na História: Imagens de um “Arquivo Vivo”**. Entrevista concedida a Denise Bernuzzi Sant’Anna. Proj. História, São Paulo, (21), 225 – 236, novembro 2000.

Profª Ms Janice Guimarães Carvalho

Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

Departamento de Educação Física e Desporto

Campus Universitário “Prof. Darcy Ribeiro”

Vila Mauricéia

Montes Claros – MG

Cep 39400-000

jangcarvalho@hotmail.com

Profº Dr. Jorge Manuel Gomes de Azevedo Fernandes

Pavilhão Gimnodesportivo

Universidade de Évora

Prolongamento da Rua de Reguengos de Monsaraz, nº14

Évora – Portugal

7000-727

jorgef@uevora.pt